

A obra nos dá, não simples biografias elogiosas de vultos da história da França, porém, análises de perfis, mostrando suas tendências, suas idéias e até mesmo seus lados negativos.

Enfim, põe-nos ao alcance uma obra que nos faz meditar e estabelecer ligações entre êstes dois importantes capítulos da História.

JOSUÉ CALLANDER DOS REIS

*

* *

GODINHO (Vitorino Magalhães). — *Ensaio I* ("Sôbre História Universal"), Lisboa, Sá da Costa, 1968, 289 pp.

O historiador Magalhães Godinho estêve em São Paulo, no ano de 1954, como professor visitante da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Filiado ao grupo dos *Annales*, suas obras qualificam-no para assumir o primeiro posto na historiografia portuguesa contemporânea.

O seu presente trabalho é o primeiro de uma série a que intitulou *Ensaio*, uma coletânea de "dispersos que balisam inquietações, indagações e fainas de um quarto de século", e abrange os mais diversos setores da história. Tem o Autor consciência das responsabilidades dessa "terrível" palavra, que exige tôda uma atitude lúcida, de caráter polêmico, rejeitando dogmatismos, pronta para aceitar êrros e corrigi-los. Sua obra é uma tentativa para se aproximar da verdade e ao mesmo tempo um combate para que haja uma mudança de mentalidade em Portugal, "varrendo os diabólicos teóricos" e "procurando colocar uma problemática nova, em vez de ficarmos prisioneiros de quadros já forjados".

No primeiro ensaio, traça o Autor as linhas fundamentais da agricultura desde a época mais remota até o século XIX, mostrando uma mudança radical a que chama "revolução neolítica", no momento em que o homem, da destruição de elementos naturais passa a ser produtor, modificando o ambiente em que vive. Vai mais longe o Autor quando diz que é a passagem da economia de recoleção para a de produção (agricultura e pastoreio) que lança o camponês numa civilização de mudança.

No ensaio seguinte, procura delinear a evolução social do Antigo Império Egípcio, da centralização à oligarquia (3197-2423 a. C.), fazendo uma análise do poder real, organização pública, finanças, economia, sociedade, por períodos: tinita, época das grandes pirâmides, a dos templos solares. Indica o Autor, ainda, a existência de uma estrutura senhorial em gestação que ia dividindo o Egito em principados feudais, ocasionando pressão social e regressão econômica.

No ítem que se segue, aborda a crise de Roma no século III, onde ela entra em decadência a partir de uma crise econômica que por sua vez seria o resultado de uma crise política e militar.

O professor Godinho se preocupa particularmente com os momentos de mudança, com as épocas revolucionárias e, para chegar a isso, faz tôda uma digressão histórica, provando o sentido da transformação.

A técnica ocupa lugar destacado em sua análise como instrumento modificador das condições da vida humana, o mesmo acontecendo com a estrutura social, uma

espécie de cronômetro onde se pode medir a evolução das civilizações. Um exemplo é o seu capítulo sobre a tração animal e o cavalo de sela, no qual faz uma relação entre técnica e evolução social.

A seguir, traça o contorno das viagens, principalmente portuguesas, que fazem a Ásia surgir "inteira aos olhos da Europa" (pg. 103), sob a perspectiva do caravaneiro e do navegador.

Em seguida, dá-nos notícias sobre o Oceano Índico, seu descobrimento, rotas, navios, sua localização estratégica como fator de integração no horizonte dos navegadores e nas rotas comerciais.

A consideração seguinte refere-se à passagem da geografia *mítica* para as explorações *reais*. Mostra o Autor que as viagens só foram possíveis graças aos conhecimentos náuticos que se desenvolvem rapidamente, e à amplitude cada vez maior da área conhecida e explorada. Dá-se o que o professor Godinho chama "revolução" no que diz respeito à navegação oceânica e à náutica astronômica, levando-se em conta que os meios comerciais estão interessados no lado prático da atividade científica; forma-se uma literatura de viagens e o florescimento de livros matemáticos e algébricos. A preocupação pela geografia por parte do Autor não é ocasional: o seu estudo reflete toda uma mentalidade a se considerar. Antes, a investigação era praticamente inexistente; depois, com os conhecimentos adquiridos, o homem passa a observar o que acontece ao seu redor. Enfim, estabelece-se uma atitude científica.

O professor Godinho faz uma incursão na antropologia, e sua atenção se volta para os guanchos que habitavam as Canárias.

Nessa altura, o Autor se detem nas origens da náutica astronômica e faz um histórico das viagens oceânicas.

Outro tema abordado diz respeito às especiarias, ou seja, os produtos-chave na formação da economia mercantilista: em que se constituem, áreas de produção, geografia de circulação. A partir daí, coloca o problema do interesse português na rota direta para os mercados de especiarias.

Fazendo parte desse mesmo problema, mas sendo alvo de outro capítulo, o Levante e a rota do Cabo constituem os elementos pelos quais o Autor prova que o alargamento de objetivos portugueses não se deve à concorrência italiana e muito menos à progressão turca no Levante (esse assunto é abordado com maior profundidade pelo Autor em seu livro *A Expansão Quatrocentista Portuguesa*).

A partir daí, o professor Godinho se detem na análise do processo e se preocupa na precisão de conceitos sobre burguesia e capitalismo, parte mais importante do livro pela sua maneira de ver o problema. Burguesia: o que é, interesses, sua contraposição à classe senhorial, formação, localização desde Roma até nossos dias, passando pela Idade Média, século XII, Revolução Industrial e Revolução Francesa. Cita três períodos na história da burguesia e chama nossa atenção sobre dois pontos, a saber: o termo *burguesias* e não burguesa, derivando daí uma pluralidade histórica, e sobre as três concepções (classe superior, classe média e burguesia propriamente dita com consciência de classe). Capitalismo: conceito, exigências. Acha importante a distinção entre capitalismo e manifestações incompletas do fenômeno. Preocupa-se em mostrar a existência de uma civilização capitalista que se opõe à socialista e também os caminhos paralelos entre capitalismo e burguesia. Essa análise de conceitos é de particular importância, pois dela deriva a atitude do Autor face aos acontecimentos que se lhe apresentam.

O último capítulo do livro é dedicado às Américas, sendo apresentado em três temas: açúcar das Antilhas e o comentário à tese de Alice Canabrava; o trabalho no México e considerações à obra de Astrogildo de Melo; o comércio inglês na América Espanhola, baseado também na tese de Olga Pantaleão.

No que se pode considerar sobre a orientação geral do trabalho, apresenta êle uma abertura bibliográfica excelente, derivando daí uma interpretação ampla e inteligente. Toma o Autor como alvo de seus estudos temas controvertidos, procurando não esgotar o assunto, sendo fiel à sua proposição inicial. Tal atitude científica pretende ser somente um trampolim para novas inquietações pois "o já feito não deve passar de momento num incessante fazer".

DENISE MANZI

* * *

RODRIGUES (José Albertino R.). — *Travail et société urbaine au Portugal dans la seconde moitié du XVIIe siècle* (Tese de doutoramento apresentada à Faculté des Lettres et Sciences Humaines (Sorbonne) da Universidade de Paris.

Pode-se classificar êste estudo como de sociologia regressiva (ou história sociológica) e história quantitativa, num esforço de reconstituição do mundo do trabalho das cidades portuguesas, nos momentos críticos do ponto de vista conjuntural e estrutural.

O *approach* da estrutura urbana foi feito a partir do estudo da morfologia social, analisando o Autor a composição e as mudanças da força de trabalho. Assim pôde mostrar como se manifestavam seus movimentos endógenos (o êxodo rural) e os exógenos (a questão judaica e a implantação da escravidão). Para completar a análise, o Autor estuda a organização do trabalho para chegar a uma tipologia sócio-econômica dos ofícios mecânicos, visando à caracterização das relações de trabalho numa sociedade em vias de modernização. Pode-se, pois, perceber uma tendência para a bipolarização do sistema social português. No nível da sociedade global tratava-se de uma dicotomia da pirâmide social (antiga aristocracia rural e a nova burguesia urbana de um lado e as classes populares de outro). No nível do mundo do trabalho, tratava-se de uma simplificação da hierarquia dos ofícios mecânicos onde o mestre estava prestes a se tornar patrão, enquanto a expansão do trabalho assalariado permitia já a identificação de uma categoria profissional (dos obreiros) como embrião do proletariado moderno. O Autor re-toma êsse quadro, estudando a repartição da população ativa na cidade. Primeiramente na ecologia social de Lisboa que apresenta vários bairros identificáveis pela atividade dos seus moradores e pelas funções urbanas. Em segundo lugar, o estudo dos diferentes grupos profissionais permite mostrar a complexidade da divisão do trabalho que o sistema corporativo rígido não era mais capaz de refletir. Em terceiro lugar, o estudo da distribuição dos rendimentos médios (*fazendas*) pelas diferentes categorias profissionais permite ver como a pirâmide social se reflete numa pirâmide de rendimentos, ao mesmo tempo que retrata certos movimentos que ultrapassam os quadros aparentemente rígidos da própria estrutura social.